

Inácio Larrañaga

O IRMÃO DE
*L*SSIS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Larrañaga, Ignacio

O irmão de Assis / Ignacio Larrañaga ; [tradução José Carlos Corrêa Pedroso]. – 20. ed. – São Paulo : Paulinas, 2012. – (Coleção em busca de Deus)

Título original: El hermano de Asis.

ISBN 978-85-356-3090-9

1. Francisco de Assis, Santo, 1181 ou 2-1226 2. Santos
cristãos - Biografia I. Título. II. Série.

12-02833

CDD-282.092

Índice para catálogo sistemático:

1. Santos : Igreja Católica : Biografia 282.092

Título original da obra: *EL HERMANO DE ASIS*
Cefepal – Chile

Direção-geral: Flávia Reginatto

Editora responsável: Andréia Schweitzer

Tradução: Frei José Carlos Corrêa Pedroso

Coordenação de revisão: Marina Mendonça

Revisão: Sandra Sinzato

Direção de arte: Irma Cipriani

Assistente de arte: Sandra Braga

Gerente de produção: Felício Calegareto Neto

Projeto gráfico: Telma Custódio

Capa e editoração eletrônica: Manuel Rebelato Miramontes

20ª edição – 2012

9ª reimpressão – 2021

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 1980

*A Francisco de Assis
no oitavo centenário de seu nascimento.
O autor*

1. AMANHECE A LIBERDADE

Apesar de tudo, voltava tranquilo. Tinha motivos para sentir-se abatido, mas, ao contrário do que esperava, uma estranha serenidade inundava seu rosto e em seus olhos brilhava alguma coisa semelhante à paz de um sonho atingido ou de um amanhecer definitivo.

Naquela noite tinham se soltado todos os gonzos, e agora caminhava sobre um novo centro de gravidade. Tudo estava mudado como se, naquela noite, o mundo tivesse dado uma volta de cento e oitenta graus. Na madrugada que se estendia pelo vale desde Espoletto até Perúcia, o filho de Bernardone ia cavalgando, em paz, para sua casa. Estava disposto a tudo, e por isso sentia-se livre e feliz.

Falam da *noite de Espoletto*. Entretanto, ao contrário do que parece e se diz, a aventura franciscana não começa nessa noite, porque nela culmina uma longa corrida de obstáculos em que houve insistências por parte da Graça e resistências por parte do jovem sonhador. Nessa noite, o nosso combatente rendeu-se.

* * *

Nada se improvisa na vida de uma pessoa. O ser humano é sempre filho de uma época e de um ambiente, como as árvores. Um abeto não cresce nas selvas tropicais nem um baobá nas alturas nevadas. Se um alto expoente

humano surge na cadeia das gerações, podemos estar certos de que não brota de improviso, como os cogumelos nas montanhas.

Nossa alma se recria à imagem e semelhança dos ideais que gravitam ao nosso redor, e nossas raízes se alimentam, como que por osmose e sem que o percebamos, da atmosfera de ideias que nos envolve. Para sabermos quem é uma pessoa, temos de olhar ao seu redor. É o que se chama *contorno vital*.

Quando entrou no mundo pela janela de sua juventude, o filho de Bernardone deparou-se com um quadro de luzes e sombras. As chamas da guerra e os estandartes da paz, os desejos de reforma e a sede de dinheiro – tudo estava misturado na mais contraditória fusão. Se quisermos desvelar o mistério de Francisco de Assis, pelo menos alguns segmentos – e é essa a pretensão deste livro – comecemos observando o que acontece ao seu redor.

CONTORNO VITAL

Os nacionalistas guelfos aliavam-se mais uma vez, entre si mesmos e com o Pontificado, para expulsar os imperialistas do Sacro Império Germânico. Os gibelinos eram o que hoje chamamos de *colaboracionistas*, e os guelfos pertenciam ao que hoje chamamos de oposição.

A *penitência de Canossa* já tinha um século. Durante três dias e três noites o Imperador Henrique IV da Saxônia tinha permanecido descalço junto aos muros do Castelo de Canossa, na Toscana, vestido com a túnica cinzenta dos

penitentes, antes que o Papa Hildebrando (Gregório VII) suspendesse a sua excomunhão.

Foi o ponto alto de uma crise na longa hostilidade entre o Pontificado e o Império, e também um momento álgido na *querela das investiduras*, em que o Papa reclamava o direito de eleger os dignitários eclesiásticos, uma vez que os bispos e abades recebiam solenemente das mãos dos príncipes não só as terras e os bens, mas também o báculo e o anel. Naturalmente, não era tão simples como parece à primeira vista. Por trás dos báculos e anéis, agitava-se um mundo de interesses e de ambições terrenas.

Em cinco expedições assoladoras, o Imperador Barbarossa tinha semeado o pânico entre as cidades italianas. Alguns anos antes do nascimento de Francisco, o Imperador tinha investido com especial assanhamento contra o condado de Assis, em cujo território entrou vitorioso, recebendo a homenagem dos senhores feudais e pondo a bota imperial sobre a plebe turbulenta e humilhada.

Quando se afastou, deixou como lugar-tenente o aventureiro Conrado de Suábia para manter submisso o povo rebelde. Os aristocratas de Assis, aproveitando essa proteção imperial, oprimiram os servos da gleba com novas e duras exigências, atrelando-os ao carro da vassalagem de que se haviam apeado anteriormente.

Francisco nasceu nesse tempo em que a vila estava sendo vigiada por Conrado, a partir da formidável Fortaleza da Rocca, erguida ameaçadoramente no alto da cidade. Esse foi o contorno em que transcorreu a infância de Francisco.

É uma época feita de contrastes e sumamente movimentada. As alianças se enlaçam e desenlaçam com a inconsistência de palavras escritas na água; ascendem e caem as pequenas repúblicas e os grandes senhorios; num dia o Imperador pede proteção ao Papa e no dia seguinte o depõe ou o coloca diante de um antipapa, ou entra a ferro e fogo pelos muros de Roma.

A serpente da ambição levanta a cabeça nas torres ameaçadas dos castelos, nos palácios lateranenses e nas fortalezas imperiais; as chamas estavam sempre estalando ao vento; as cruzadas parecem um turbilhão que arrasta numa mistura decomposta a fé e o aventureirismo, a devoção e a sede de riquezas, a piedade para com o Crucificado e a impiedade para com os vencidos...

* * *

Quando subiu ao pontificado o Papa Inocência III, de personalidade forte e grande coração, as cidades italianas levantaram a cabeça exigindo independência, reclamando justiça e, em alguns casos, levantando os punhos da vingança. A rebeldia estendeu-se como um vendaval cego por toda a Itália central.

No condado de Assis, a revolução tomou singulares proporções. Era a primavera de 1198. Quando o povo soube que Conrado tinha se submetido em Narni às exigências do Papa, os assisenses subiram à Rocca e, no primeiro assalto, derrubaram o soberbo bastião, sem deixar pedra sobre pedra.

Com a maior rapidez levantaram uma sólida muralha ao redor da cidade, com o material da Rocca desmantelada. Erigiu-se assim a república de Assis, independente do Imperador e do Papa. Francisco tinha 16 anos.

As chamas da vingança ataçaram-se por toda parte, acesas pela ira popular contra os senhores feudais opressores. Queimaram seus castelos no vale da Umbria, derrubaram as torres ameaçadas, foram saqueadas as casas senhoriais e os nobres tiveram de refugiar-se na vizinha Perúsia. Entre os fugitivos contava-se uma pré-adolescente, de uns doze anos, chamada Clara.

Os nobres de Assis refugiados pediram auxílio de sua eterna rival, Perúsia, contra o populacho que os havia expulsado. Depois de vários anos de negociações, ofertas e ameaças, travou-se o combate nos arredores de Ponte San Giovanni, lugar equidistante entre Perúsia e Assis. Foi no verão de 1203.

Francisco, que tinha vinte anos, tomou parte.

É assim que surge na história o filho de Bernardone: pelejando em uma escaramuça comunal em favor dos humildes de Assis. Mas os combatentes de Assis foram completamente derrotados e os mais aquinhoados foram tomados como reféns e deportados para a cadeia de Perúsia.

E aí temos Francisco feito prisioneiro de guerra, nas úmidas masmorras de Perúsia.

OS CASTELOS AMEAÇAM RUÍNA

Francisco era demasiado jovem para absorver o golpe sem pestanejar. Aos vinte anos, a alma do jovem é uma

ânfora frágil. Basta o golpe de uma pedrinha e a ânfora se desvanece como um sonho interrompido. É o passar do tempo e do vento que dá consistência à alma.

Dá impressão de que os biógrafos contemporâneos passam voando por cima dos anos de conversão de Francisco. Como os jornalistas, os cronistas só apresentaram casos. Mas, ao que parece, não presenciaram ou ao menos não nos transmitiram o drama interior que origina e explica os episódios. Não nos dizem nada de sua conversão até a *noite de Espoleto*. Entretanto, nessa noite a fruta caiu porque estava madura.

Para mim, nesses onze longos meses de prisão e inatividade começou o trânsito de Francisco. Para um mundo ser construído, outro mundo tem que desmoronar anteriormente. E não há granadas que arranquem pela raiz uma edificação; os edifícios humanos morrem pedra por pedra. Na prisão de Perúsia começa a morrer o filho de Bernardone e a nascer Francisco de Assis.

* * *

Zefirelli presenteou-nos com um belíssimo filme, *Irmão Sol, Irmã Lua*. Mas nem aí se nos desvela o mistério. Nada se nos insinua dos impulsos profundos que dão origem a tanta beleza. O filme parece um mundo mágico que, de improviso, tivesse emergido sem que ninguém soubesse de onde nem como. É como imaginar a ascensão vertical de um avião sem reatores. Ninguém, a não ser um masoquista quimicamente puro, faria como Francisco nessas

cenar: submeter-se a uma existência errante, apresentando um rosto feliz às caras amarradas, de frente levantada à chuva e à neve, doçura na aspereza, alegria na pobreza... tudo isso pressupõe uma forte capacidade de reação, que não aparece no filme, e um longo caminho na dor e na esperança; pressupõe, em uma palavra, a passagem transformadora de Deus pelo cenário de um homem.

A Graça não arrebenta fronteiras. Jamais se viu o mundo transformar-se, da noite para o dia, vestido de primavera. Francisco fez a passagem de um mundo para outro lentamente, ao longo de dois ou três anos. Não foi um estalido repentino, mas uma transição progressiva e harmoniosa, sem deixar de ser dolorosa. E tudo começou, em minha opinião, no cárcere de Perúcia.

* * *

Toda transformação começa por um *despertar*. Cai a ilusão e fica a desilusão, desvanece-se o engano e sobra o desengano. Sim, todo despertar é um desengano, desde as verdades fundamentais do Príncipe *Sakkiamuni* (Buda) até as convicções do *Eclesiastes*. Mas o desengano pode ser a primeira pedra de um mundo novo.

Se analisarmos as origens dos grandes santos, se observarmos as transformações espirituais que ocorrem ao nosso redor, descobriremos em tudo uma espécie de passo prévio, um despertar: o ser humano convence-se de que toda a realidade é efêmera ou impermanente, de que nada possui solidez, a não ser Deus.

Em toda adesão a Deus, quando é plena, esconde-se uma busca inconsciente de transcendência e de eternidade. Em toda *saída* decisiva para o Infinito, palpita um desejo de libertar-se da opressão de toda limitação e, assim, a conversão transforma-se na suprema libertação da angústia.

Ao despertar, o ser humano torna-se um *sábio*: sabe que é loucura absolutizar o relativo e relativizar o absoluto; sabe que somos buscadores inatos de horizontes eternos, e que as realidades humanas só oferecem marcos estreitos que oprimem nossas ânsias de transcendências, e assim nasce a angústia; sabe que a criatura termina “aí” e não tem escapatória, por isso seus desejos derradeiros permanecem sempre frustrados; e sabe principalmente que, no final das contas, só Deus vale a pena, porque só ele oferece meios para canalizar os impulsos ancestrais e profundos do coração humano.

* * *

Francisco *despertou* na cadeia de Perúcia. Foi lá que o edifício começou a ser planejado. Que edifício? Aquele sonhador tinha detectado, como um sensibilíssimo *radar*, os sonhos de sua época, e sobre eles e com eles tinha projetado um mundo moldado com castelos amuralhados, espadas fulgurantes abatendo inimigos: os cavaleiros iam para os campos de batalha sob as bandeiras da honra para alcançar essa sombra fugidia a que chamam *glória*. Com as pontas das lanças conquistavam os títulos nobiliárquicos,

nos braços de gestas heroicas entravam no templo da *fama* e nas canções dos rapsodos, como os antigos cavaleiros do Rei Artur e os paladinos do grande Imperador Carlos. Numa palavra, todos os caminhos da grandeza passavam pelos campos de batalha. Esse era o mundo de Francisco e se chamava *sede de glória*.

Perseguindo esses fogos-fátuos, nosso sonhador tinha chegado às proximidades da Ponte San Giovanni. A primeira ilusão degenerou na primeira desilusão, e de que calibre! Sonhar com glórias tão altas e dar de cara com tão humilhante derrota, na primeira tentativa, era demais! Era aí mesmo que Deus o esperava.

Deus não pode entrar nos castelos levantados sobre dinheiro, poder e glória. Quando tudo dá certo na vida, o ser humano tende insensivelmente a concentrar-se em si mesmo – grande desgraça, porque se apodera dele o medo de perder tudo e vive ansioso, sentindo-se infeliz. Para o homem, a desinstalação é justamente *a salvação*.

Por isso, se Deus Pai quer salvar seu filho aninhado e adormecido no leito da glória e do dinheiro, não tem outra saída senão dar-lhe uma boa sacudidela. Quando o mundo naufraga, fica flutuando uma poeira espessa que deixa o filho confuso. Mas, quando o pó assenta, o filho pode abrir os olhos, despertar, ver a realidade clara e sentir-se livre.

Foi isso que aconteceu com o filho de Dona Pica. Na planura da Ponte San Giovanni derrocaram-se seus castelos no ar. No primeiro momento, como acontece sempre, o rapaz, envolto em pó, sentiu-se confuso. Mas, quando chegou à cadeia, na medida em que o tempo foi passando e o pó assentando, o filho de Dona Pica, como outro

Sigismundo, começou a enxergar claro: tudo é inconsistente como um sonho.

Para um jovem sensível e impaciente, era demais permanecer inativo entre os muros de um cárcere, mastigando a erva amarga da derrota. Em um cativeiro há tempo demasiado para pensar. Não há novidades que distraiam. Vive-se apenas, como realidade única e oprimente, a derrota.

Por outro lado, nosso rapaz não escapou da psicologia dos cativos. O cativo, como o preso político, vive entre a incerteza e o temor: não sabe quantos meses ou anos vai ficar encarcerado, nem qual vai ser o curso dos acontecimentos políticos, nem o que vai ser de seu futuro. Só sabe que esse futuro vai depender de um *podestá* arbitrário ou de uma camarilha hostil de senhores feudais.

No entanto, nosso jovem estava bem informado de que os cativeiros e as derrotas são o alimento mais comum na vida das aventuras cavaleirescas. Mas era bem diferente experimentá-lo na própria carne e pela primeira vez, principalmente para ele que não estava curtido pelos golpes da vida e era, além disso, de natureza tão sensível!

* * *

Começa a crise. Diante das edificações que hoje são erigidas e amanhã desabam, diante dos imperadores que hoje são carne e amanhã sombra, diante dos nobres senhores que são silenciados para sempre pela ponta de uma lança, há outro Senhor cavalgando acima das estepes da

morte, outro Imperador que não é atingido pelas emergências nem pelas sombras, outra Edificação que tem grandeza eterna. A Graça ronda o filho de Dona Pica. E ele perde a segurança.

Os antigos biógrafos dizem que, enquanto seus companheiros estavam tristes, Francisco não só estava alegre, mas até eufórico. Por quê? Um homem sensível deprime-se com facilidade. Segundo seu temperamento, teríamos motivos para pensar que Francisco deveria estar abatido na cadeia. Mas não estava.

As palavras de Celano, cronista contemporâneo, nos dão pé para confirmar-nos o que estamos dizendo desde o começo: que tudo começou no cárcere de Perúcia, que Deus irrompeu por entre os escombros de seus castelos arruinados, que lá ele tomou gosto por Deus, que lá vislumbrou, embora entre trevas, outro rumo para sua vida.

Efetivamente, conta o antigo biógrafo que, diante da euforia de Francisco, seus companheiros se molestaram e lhe disseram: “Você está louco, Francisco? Como pode estar tão radiante no meio destas correntes enferrujadas?”. Francisco respondeu textualmente: “Sabem por quê? Tenho um pressentimento escondido aqui dentro que me diz que um dia todo mundo vai me venerar como santo”.

Fugazes vislumbres de eternidade cruzaram o céu escuro de Francisco no cárcere obscuro de Perúcia.

A GRANDE PALAVRA DE SUA VIDA

Em agosto de 1203, perguntaram-se os homens da plebe e os aristocratas de Assis: “Para que gastar energias

combatendo-nos uns aos outros? Vamos fazer um tratado de paz e consolidar a vida de nossa pequena república”. Como consequência dessa aliança, Francisco e seus companheiros foram libertados e voltaram para Assis.

Entre esse momento e a *noite de Espoleto* passaram-se aproximadamente dois anos. Que fez nesse ínterim o filho de Bernardone? Os biógrafos não dizem quase nada. Mas, do pouco que dizem, podemos deduzir muito.

Infelizmente (talvez para toda a Igreja e para toda a história humana) Francisco foi extremamente reservado durante toda a sua vida, sobretudo no que se referia a sua vida íntima, a suas relações com Deus. Ninguém guardou um segredo profissional com tanta fidelidade como ele escondeu seus diálogos com Deus. Normalmente era comunicativo e, por isso, o movimento a que deu origem tem caráter fraterno ou familiar. Mas no que dizia respeito a suas experiências espirituais, encerrava-se em um obstinado círculo de silêncio, do qual ninguém podia arrancá-lo.

Foi fiel até as últimas consequências ao que se chamava em seu tempo de *Sigillum regis*, o segredo do rei: “minhas coisas com o Senhor são entre mim e ele”. É preciso lembrar que a notícia de sua morte causou alegria. Por quê? Não foi, naturalmente, porque Francisco tinha morrido, mas porque finalmente puderam contemplar e tocar suas chagas.

Ocultou zelosamente durante três anos aqueles sinais misteriosos que levava em seu corpo. Todo mundo sabia de sua existência, mas, enquanto ele viveu, ninguém teve oportunidade de vê-los, nem seus confidentes mais íntimos, nem a própria Clara. O único que pôde vê-los foi o irmão Leão, que servia de secretário e enfermeiro.

Pode ser que, devido a esse *sigillum*, os cronistas contemporâneos tenham ficado sem notícias de sua conversão e por isso é tão parca a informação referente a essa época.

* * *

Tanto os cronistas contemporâneos como o próprio Francisco em seu testamento introduzem-nos de repente no cenário de Deus, dando a entender que já existia grande familiaridade entre Francisco e seu Senhor. Mas uma grande familiaridade com Deus pressupõe uma longa história de relacionamento pessoal. E é essa história que ainda precisa ser desvelada.

Nos livros de hoje sobre São Francisco, tende-se a passar por alto sua vida interior, dando preferência a um amplo noticiário de acordo com a mentalidade atual. Frequentemente apresentam um Francisco contestador, meio *hippie*, patrono da ecologia, sem se preocupar, em geral, com seu mistério pessoal.

Acho que atualmente para apresentar São Francisco às pessoas, não nos deveríamos preocupar tanto se o que ele foi ou fez é do gosto de nossa época, indicando os pontos em que está de acordo com nossas inquietações. Desse jeito tiramos o foco de São Francisco e traímos as pessoas de hoje. O correto e necessário é olhar para São Francisco de dentro dele mesmo, incluindo-o em seu contorno vital e descobrindo assim o seu *mistério*: é claro que esse mistério será resposta para hoje e para os séculos futuros.

Que é o mistério de uma pessoa? Que outra palavra poderíamos usar em vez de mistério? Segredo? Enigma? Sigilo? Carisma? Alguma coisa aglutinante e catalisadora? Estou convencido de que todos os mistérios, um por um, descem à sepultura e aí dormem seu sono eterno. O *mistério* de todos os indivíduos está preso nas dobras dos códigos genéticos, impulsos vitais, ideias e ideais recebidos desde a infância.

No caso de Francisco, encontramos também uma personalidade singular, feita de contrastes fortes, que tornam mais difícil atingir o *segredo*. Mas nós temos uma pista para decifrar o enigma de São Francisco: Deus. Essa é a grande palavra de sua vida.

Deus *passou* por suas latitudes. Deus *tocou* esse homem. Deus *passou* sobre esse homem. Deus *visitou* esse amigo. A partir desta pista começamos a entender tudo. Agora vemos como os contrastes podem estruturar uma personalidade coerente e harmônica. Compreendemos também como o homem mais pobre do mundo podia sentir-se o mais rico, e tantas outras coisas.

* * *

Existe o *princípio do prazer*: todo ser humano, segundo as ciências, age motivado de alguma maneira pelo prazer. Francisco de Assis sem o Deus vivo e verdadeiro poderia ser classificado, em qualquer quadro clínico, como um psicótico. Todos os seus sublimes disparates, seu amor apaixonado pela Senhora Pobreza, sua reverência pelas pedras

e pelos vermes, sua amizade com os lobos e com os leprosos, o fato de se apresentar para pregar só com a roupa de baixo, ou de buscar a vontade de Deus dando voltas como um pião... fazem pensar em uma pessoa desequilibrada. O sublime e o ridículo quase sempre se tocam. A fronteira que separa um do outro se chama Deus.

Sim. Deus faz sublime o que parece ridículo. Deus é a força revolucionária que arrebenta as normalidades, desperta as potencialidades humanas adormecidas, abrindo-as para atitudes surpreendentes e até então desconhecidas.

É capaz de tirar filhos de Abraão de uma pedra e pode tirar exemplares absolutamente originais de qualquer filho da gente do povo. Com esta palavra – Deus – o enigma de Francisco fica interpretado e seu segredo é decifrado.

Como vivemos em um mundo secularizante, corremos a tentação e o perigo de pretender apresentar ao mundo de hoje um Francisco sem Deus, ou um Deus com surdina ou em tom menor. Nesse caso, São Francisco começa a ficar parecido com uma belíssima marionete, que faz acrobacias maravilhosas, mas não passa de fantasia. Isso não resolve nem explica o mistério de Francisco.

Poderão apresentar-nos passagens de sua vida que comovem os românticos, fatos que seduzem os *hippies*, antecedentes históricos que permitam aos ecologistas considerá-lo um precursor do movimento, mas o mistério profundo de Francisco fica no ar, sem explicação. Basta abrir os olhos e olhar sem preconceitos: desde o primeiro instante nos convenceremos de que Deus é a força de coesão que arma a personalidade vertebrada e sem desajustes de Francisco de Assis.

A MULHER DE SUA VIDA

Na volta de Perúsia, mal pisou as ruas de Assis, nosso brioso rapaz deixou de lado suas meditações sobre a fugacidade da vida, esqueceu os chamados do Senhor e, soltando as rédeas de suas ânsias juvenis reprimidas durante um ano, mergulhou no turbilhão das festas. Saciada a sede de glória, nascia-lhe a sede de alegria.

Formaram-se grupos espontâneos de alegres camaradas. Os que tinham estado em camaradagem forçada no presídio de Perúsia formavam os grupos mais barulhentos. Nomearam o filho de Bernardone como líder do grupo e lhe deram o bastão simbólico de comando, porque tinha os bolsos cheios e a alma transbordante de alegria. Tresnoitavam até altas horas. Subiam e desciam pelas ruelas estreitas por entre gritos, gargalhadas e canções. Paravam embaixo das janelas das moças bonitas para entoar serenatas de amor ao som de alaúdes, cítaras e harpas. Era uma sede insaciável de festa e de alegria.

Os meses passavam e não se esgotavam os brios nem se acabava a inspiração. Geralmente, Francisco custeava os banquetes. Havia nele alguma coisa misteriosa que cativava a todos. Estava sempre rodeado pela juventude mais dourada e dissipada de Assis. Participava nos concursos de cantos e nos torneios equestres, e se saía brilhantemente. Invejado por alguns e aplaudido por todos, o filho de Bernardone era indiscutivelmente o rei da juventude assisense.

* * *

Como, no ano anterior, a Graça tinha vencido em um *round* sua sede de glória, agora haveria de reduzir a pó sua sede de alegria. O velho cronista aplica a esse momento as expressivas palavras do profeta: “Vou fechar de espinhos seu caminho, e cercá-lo com barreiras para impedir-lhe a passagem” (Os 2,8). Uma grave enfermidade de natureza estranha e difícil diagnóstico abateu-se sobre sua juventude, mantendo-o longos meses entre a vida e a morte: suor frio, febres altas e obstinadas, pesadelos, fraqueza geral e por fim uma lenta, muito lenta convalescência.

Nessa prolongada recuperação e, em geral, nesse período de sua existência, aparece a pessoa que há de abrir horizontes de luz para sua vida, a mulher que imprimirá em sua alma marcas indeléveis de fé e de esperança: sua própria mãe.

A silhueta de Dona Pica, feita de doçura e de fortaleza, desvanece no fundo do silêncio. Passa fugazmente como um meteoro pelas páginas dos velhos cronistas. Aparece, resplandece e desaparece. É daquele tipo de mulher capaz de sustentar o mundo em suas mãos, mas sabe fazê-lo sem dramas, na simplicidade e no silêncio.

Por um paradoxo da história, embora as fontes nos transmitam apenas fugazes vestígios de sua figura, estamos em condição de apresentar, por via dedutiva, a radiografia completa de Dona Pica. O método vai ser indireto: penetrar a alma de Francisco e colher em seu inconsciente, traço por traço, efígie cativante da mulher a quem tanto deve o franciscanismo.

* * *

A tradição supõe-na oriunda da Provença, berço da poesia e do cantar. Mas as fontes guardam silêncio a respeito. Dispomos, entretanto, de elementos suficientes para concluir, por dedução, que Dona Pica era efetivamente francesa.

É uma constante *humana* o fato de que, nos momentos em que a emoção escapa de seu leito e se torna incontrollável, o ser humano tende a manifestar-se em sua língua materna, no idioma que “mamou”. Diz-se que São Francisco Xavier, em sua agonia, expressava-se em “euskera” (basco), seu idioma materno. O Pobre de Assis, sempre que estava possuído por uma emoção intensa, passava a manifestar-se em francês (provençal). Não seria esse o seu idioma materno, a língua de sua mãe?

Suponhamos, por exemplo, que eu aprendesse inglês aos 20 anos e o dominasse com perfeição. Em um momento de explosiva emoção, se precisasse expressar-me livremente e sem obstáculos mentais, passaria instintivamente ao idioma materno ou nativo em que estão aglutinados a palavra e os sentimentos, a fonética e as vivências longínquas.

Se, como a maioria supõe, Francisco tivesse aprendido o francês já na juventude, em suas viagens comerciais, seria psicologicamente estranho e quase inexplicável que, nos momentos de júbilo, em que as palavras, ligadas às vivências mais primitivas, precisam sair conaturalmente, o fizesse em francês. Supõe-se que a pessoa que aprendeu já adulta um idioma tenha sempre falta de flexibilidade ou facilidade para nele se expressar.

Por isso podemos supor que o idioma materno de Francisco era o francês, isto é: que a língua de sua mãe era o francês (provençal). Justamente por isso falamos em *idioma materno*, e não paterno, porque se aprende junto da mãe, no berço.

* * *

Como dissemos, dispomos de um caminho dedutivo para conhecer a alma daquela mulher e assim, indiretamente, podemos conhecer melhor o *mistério* de Francisco. É um jogo alternado: da vertente inconsciente de Francisco extraímos os traços para uma fotografia de Dona Pica, e no reflexo da mãe veremos retratada a personalidade do filho.

Celano conta que, quando o velho mercador prendeu em um calabouço o jovem dilapidador, em quem se havia manifestado inclinações místicas, sua mãe “sentiu seu coração materno se enternecer”. Há uma força primitiva nessa expressão. Não era só pena que a mãe sentia pelo filho. Era muito mais. Entre mãe e filho circulava uma corrente profunda de simpatia. Entre os dois não havia só consanguinidade, mas também afinidade. Os dois estavam nas mesmas harmonias.

* * *

Atendo-nos aos escritos de São Francisco, impressionamo-nos com a frequência e emoção com que ele evoca a figura materna, da mãe em geral e inconscientemente

(talvez às vezes conscientemente) de sua própria mãe. Sempre que Francisco quer expressar a coisa mais humana, a relação mais emotiva, a atitude mais oblativa, recorre à comparação materna. Precisamos submergir no fundo vital desse homem, fundo alimentado por mil recordações – quase esquecidas – de uma pessoa que a ele consagrou cuidado, alma, carinho, fé e ideais.

Na Regra de 1221, assinalando as altas exigências que originam e sustentam a vida fraterna, Francisco diz aos irmãos que “cada um cuide de seu irmão e o ame como uma mãe ama e cuida de seu filho”. Tornando aos mesmos verbos tão maternos (amar e cuidar), Francisco volta à carga na segunda Regra dizendo que “se uma mãe ama e cuida do filho de suas entranhas, com quanto maior razão devem amar-se e cuidar uns dos outros os que nasceram do espírito”.

A novidade disso tudo não está no verbo “amar”, vocábulo muito velho e batido, mas no verbo “cuidar”, verbo exclusivamente materno. “Cuidar” se aparenta com o verbo “consagrar” ou “dedicar” na Bíblia. “Cuidar” significa dedicar-se tempo e atenção a outra pessoa, como fazem, principalmente, as mães.

* * *

Lá pelo ano de 1219, Francisco tentou dar uma organização elementar aos irmãos que subiam às altas montanhas para buscar o Rosto do Senhor, em silêncio e solidão, para poder recuperar a coerência interior.

Escreveu uma norma de vida ou pequeno estatuto a que chamou *Regra para os eremitérios*. Supõe que lá em cima, na cabana, viva uma pequena fraternidade de quatro irmãos. E querendo sublinhar as relações que devem existir entre eles, Francisco utiliza expressões chocantes, mas que transbordam infinita ternura fraterna, digo, materna, apelando novamente e mais do que nunca, para a figura materna.

Dos quatro irmãos, “*dois sejam mães* e tenham dois filhos”. Quanto à índole de vida, “os dois que são mães sigam a vida de Marta, e os dois filhos sigam a vida de Maria”. Depois ordena, ou melhor deseja, que ao acabar de rezar *Tércia* possam interromper o silêncio “e ir para junto de suas mães”. Entre tantas expressões há uma carregada de ternura especial: “E quando tiverem vontade, os filhos possam pedir esmola a suas mães, como pobres pequeninos, por amor do Senhor Deus”.

Como se trata do período da vida eremítica, aconselha-os também a não permitirem na cabana a presença de pessoas estranhas, e que as mães “protejam seus filhos para que ninguém perturbe seu silêncio”, e “os filhos não falem com pessoa alguma a não ser com suas mães”. E para que não se estabeleça nenhuma dependência entre os irmãos, mas exista real igualdade, tanto jurídica como psicológica, Francisco ainda diz que os irmãos devem alternar-se no ofício de mães e de filhos.

No fundo vital do homem que se expressa dessa maneira palpitam ecos longínquos, quase desvanecidos, de uma mãe que foi fonte inesgotável de ternura, daquela mulher que passou noites velando à cabeceira do jovem doente.

O Pobre de Assis juntou em um mesmo laço duas das coisas mais distantes e avessas que pode haver neste mundo: a vida eremítica e a vida fraterna, a solidão e a família, o silêncio e a cordialidade.

* * *

Fazia semanas que o Irmão Leão tinha um espinho na alma que lhe estava perturbando a paz. Ele mesmo não sabia exatamente do que se tratava. Dir-se-ia à primeira vista que sofria de uma dúvida de consciência e queria consultar São Francisco. Mas quem sabe se também não havia um pouco de saudades do pai e amigo de sua alma, com quem caminhando pelo mundo durante tantos anos, tinha forjado uma amizade profunda.

Francisco, sabendo que no fundo de toda tristeza está escondido um pequeno vazio de afeto e que, de qualquer maneira, não há crise que não se cure com um pouco de carinho, pegou a pena e lhe escreveu uma cartinha de ouro que começou com estas palavras: “Meu filho, eu te falo como uma mãe ao seu menino”. Por trás da carta, Dona Pica ainda estava “viva”.

* * *

Analisando seus escritos, principalmente os escritos místicos, percebemos, não sem certa surpresa, que Francisco quase nunca usa a expressão Pai para dirigir-se a Deus, o que é estranho em um homem tão afetivo.

Aquele Deus, a quem Francisco tratava tão carinhosamente, era o Senhor, o Onipotente, o Admirável... Quase nunca *Pai*. Essa palavra não só não lhe dizia nada, mas até evocava inconscientemente a figura de um homem egoísta e prepotente, e estava carregada com as lembranças mais desagradáveis de sua vida. Se não soasse chocante, Francisco bem que poderia ter invocado a Deus com o nome de “Mãe”. Estaria em consonância perfeita com as fibras mais profundas de sua história pessoal.

Como era, então, a mulher que emerge desses textos e recordações? Fundiram-se naquela mulher a força do mar, a doçura de um favo e a profundidade de uma noite estrelada. A inspiração cavaleiresca, que os trovadores provençais tinham importado para as repúblicas italianas, já tinha sido inoculada muito antes por aquela mãe extraordinária, na alma receptiva de seu filho. Como definir *aquele não sei que* de sua personalidade que invocava uma melodia inefável, o esplendor de um amanhecer ou a serenidade de uma tarde a cair?

Antes de dar a Francisco sua vocação e seu destino, Deus lhe deu essa mãe.

A DENSIDADE DA FUMAÇA

A tribulação estava às portas. A mão do Senhor tinha caído pesadamente sobre o nosso jovem, prendendo-o num círculo de aflições e causando-lhe noites de insônias e dias de delírio.

A sede de glória estava reduzida a cinzas. E agora, sobre o leito de sua juventude, jazia abatida a sede do prazer.

Francisco não era nada. Uns centímetros a mais que avançasse na enfermidade, e estaria no abismo.

O anjo do Senhor baixou mais uma vez junto de seu leito de enfermo e lhe comunicou lições de sabedoria. Disse-lhe – mais uma vez – que a juventude passa como o vento diante de nossas portas, como as ondas do mar que se levantam como montanhas para depois voltar a ser espuma. Qual a densidade da fumaça? Pois os sonhos do homem pesam menos que a fumaça. Qual o peso da glória em uma balança? Não há nada, acima ou abaixo, que tenha peso e firmeza a não ser o Eterno.

* * *

Estamos a poucos meses da *noite de Espoleto*, quando encontramos Francisco muito interiorizado no relacionamento com o Senhor e disposto a tudo. Levando em conta a marcha evolutiva da graça, temos de pressupor que, nesses meses de convalescença, o anjo do Senhor desvelou muitas vezes o rosto do Senhor para o doente.

Aquele jovem, que trazia desde o berço a sensibilidade divina, começou a provar nesses meses a doçura de Deus, e então Francisco sentia uma paz profunda e começos de sabedoria. Nesses momentos o caminho de Deus parecia mais luminoso.

Mas a conversão é, quase sempre, uma corrida de perseguição em que a pessoa vai experimentando alternadamente a doçura de Deus e o encontro das criaturas até que,

progressivamente, estas se vão decantando e se afirma e confirma definitivamente a Presença.

Pressentimos em nosso jovem adolescente essa alternância, em que prevalecem primeiro os ímpetos mundanos e mais tarde os desejos divinos.

Entre os bastidores dessa crise, como dissemos, estava Dona Pica, colaborando com a Graça para forjar aquele destino privilegiado. Nas longas horas que passou velado por sua mãe, o jovem, pressionado pela morte, recebeu docilmente as meditações sobre a inconsistência das realidades humanas, inconsistência experimentada em sua própria carne.

* * *

O velho cronista conta que Francisco se levantou quando não tinha recuperado ainda toda a saúde e, apoiado num bastão e também, sem dúvida, nos ombros de sua mãe, deu algumas voltas pelo aposento para ver como iam suas forças.

Sentia-se impaciente por sair de casa para mergulhar primeiro no coração da natureza e mais tarde nas ruas barulhentas. Poucos dias depois, pálido e com as pernas ainda vacilantes, deixou as paredes da casa paterna disposto a fazer uma *tournée* pelos campos. Queria certificar-se de que não tinha perdido o vigor juvenil.

Bem perto de sua casa abria-se a Porta Moiano, uma das poucas saídas da cidade amuralhada para os campos. Mal tinha passado o enorme portão, o jovem pálido viu-se

envolto nos esplendores de uma natureza embriagadora numa manhã azul, nos momentos em que o sol vestia as colinas ao longe com um misterioso cone branco azulado.

A vida palpitava nas entranhas da mãe terra e se expandia para fora em harmonias e cores por meio de insetos, aves, plantas e árvores. De Perúcia a Espoleto estendia-se o vale da Úmbria, deslumbrante de beleza e vitalidade. Francisco teve uma vontade louca de mergulhar nesse mar, entrar em comunhão com as palpitações da vida, vibrar...

Mas seu sangue estava apagado. Para pegar fogo são necessários dois polos vivos, mas Francisco sentia-se morto e era impossível acender a chama do entusiasmo. “Nem a beleza dos campos”, diz o cronista, “nem a amenidade das vinhas, nem tudo que se oferecia de formoso e de atraente foi suficiente para despertar seu entusiasmo adormecido.”

O cronista continua contando que Francisco sentiu-se meio surpreendido e defraudado por esse apagar-se quando ele, em outras ocasiões, logo ao primeiro contato entrava em vibrante comunhão com a beleza do mundo. E o narrador acrescenta que aí mesmo o nosso jovem “ferido” começou a meditar na loucura de pôr o coração nas criaturas que brilham pela manhã e morrem pela tarde, e voltou lentamente para casa com a alma povoada pela melancolia e pela decepção.

A explicação dessa insensibilidade não tinha mistérios nem transcendências. O que lhe faltava eram apenas vitaminas, porque sua natureza tinha sido duramente agredida pela enfermidade e estava precisando de uma superalimentação. Também pode ser que tenha sido temerário em levantar-se tão cedo, porque sempre foi muito impaciente

e “imprudente”! Não havia outra explicação. Mas, acima dos fenômenos biológicos, e mesmo por meio deles, Deus começava a conduzir esse predestinado, abrindo-lhe caminhos, que, no momento, o jovem ainda não compreendia.

Humanamente falando, Francisco estava fora de combate. Em um par de assaltos o Senhor tinha derrubado seus dois bastiões mais firmes – a sede de glória e a ânsia de prazer – deixando o rapaz verdadeiramente arrasado.

Quando voltou para casa naquele dia – continua o narrador – levou muito mais a sério as meditações sobre a loucura e a sabedoria, meditações que o acompanhavam desde o cárcere de Perúcia. Mas, desta vez, os pensamentos foram muito mais fundo, justamente porque lhe faltavam “armas” de defesa e contra-ataque, uma vez que estava cercado de debilidade por todos os lados.

DESPERTAM OS SONHOS ADORMECIDOS

Estava ferido, mas não acabado. A conversão é assim. Ninguém se converte de uma só vez. Mesmo ferido *o homem velho* nos acompanha até a sepultura. E, como uma serpente ferida, levanta de vez em quando sua cabeça ameaçadora.

Passaram-se os meses e Francisco recuperou completamente a saúde. O fogo da ilusão levantou de novo sua cabeça em chamas e, nas asas dos brios juvenis renascidos, nosso rapaz tresloucado lançou-se na voragem das festas e divertimentos. Não podia passar sem seus amigos. Dizem os cronistas que muitas vezes abandonava apressadamente

a mesa familiar, deixando seus pais sozinhos para ir reunir-se com seus amigos.

* * *

Desde 1198 a Itália inteira estava alerta diante dos acontecimentos entre o Pontificado e o Imperador. Desta vez o epicentro da discórdia era o Reino da Sicília.

Por causas complexas, a contenda se estendeu e foi rapidamente tomando proporções universais. O Papa Inocêncio III colocou à frente das forças papais o capitão normando Walter de Brienne, que bem depressa começou a volver as armas a seu favor.

O comandante normando transformou as batalhas em vitórias, e as bandeiras papais avançavam de triunfo em triunfo. O nome de Walter encheu a alma da Itália. Suas façanhas corriam de boca em boca levadas pelos trovadores populares.

A guerra tomou um caráter de cruzada. Em todas as cidades italianas alistavam-se cavaleiros e soldados que acudiam aos campos de guerra da Apúlia, sul da Itália, para unir-se aos exércitos que militavam sob o estandarte do caudilho normando.

O fogo sagrado acendeu-se também em Assis. Um cavaleiro assisense chamado Gentile tomou a iniciativa e preparou uma pequena expedição militar com a flor e nata da juventude da cidade.

A nobreza da causa e a possibilidade de ser armado cavaleiro arrebataram Francisco, fazendo despertar no meio

das cinzas apagadas seus sonhos cavaleirescos. Aos 25 anos alistou-se na expedição.

Em poucas semanas, preparou alegremente seus apetrechos bélicos e se preparou para o dia da partida.

A NOITE DA LIBERDADE

Francisco despediu-se de seus pais. Naquela manhã a pequena cidade, com seu ir e vir nervoso, parecia uma colmeia a ferver. Abraços, beijos, lágrimas, adeuses. No meio da comoção geral e de um agitar de lenços, a pequena e brilhante expedição militar empreendeu a marcha, saindo pelo portão oriental na direção de Foligno, para tomar a Via Flamínia, que os conduziria, passando por Roma, para o sul da Itália.

Ao cair da tarde, a expedição chegou a Espoleto, cidade de que fecha o incomparável vale espoletano. Mas estava escrito que em Espoleto acabava tudo e em Espoleto começava tudo.

* * *

Francisco deitou-se no meio dos arneses de cavaleiros: o gibão, os calções de malha, o elmo, a espada e a alça, o escudo brazonado e uma ampla túnica. E todo esse resplendor estava por sua vez revestido pelo esplendor dourado de seus sonhos de grandeza.

Todos os cronistas dizem que naquela noite Francisco escutou, em sonhos, uma voz que lhe perguntava:

- Francisco, aonde vais?
 - Para a Apúlia, lutar pelo Papa.
 - Dize, quem te pode recompensar melhor, o Senhor ou o servo?
 - O Senhor, é claro.
 - Então, porque segues o servo e não o Senhor?
 - Que tenho de fazer?
 - Voltar para casa, pois tudo vai ser esclarecido.
- E Francisco voltou para casa na manhã seguinte.

* * *

Naquela noite Francisco teve o que a Bíblia chama de uma visita de Deus. Acho que naquela noite ele não escutou vozes nem teve sonhos ou visões, mas teve pela primeira vez uma forte, muito forte *experiência de Deus*. É o que se chama na vida espiritual de *graça infusa extraordinária*, e tem características peculiares.

Mas também deve ter tido aquelas impressões que os biógrafos nos transmitiram em forma de sonhos, de um diálogo entre o Senhor e Francisco. É mais provável que o próprio Francisco, referindo-se mais tarde a algum confidente a experiência daquela noite, a tenha apresentado como um sonho ou como uma alegoria.

Isto é uma constante na história das almas: quando uma alma teve uma vivência espiritual muito forte, sente-se incapaz de comunicar o sentido em palavras e instintivamente usa alegorias.

Que houve naquela noite? Por razões dedutivas, que vou explicar, deve ter acontecido o seguinte: de uma maneira surpreendente, desproporcional, invasora e vivíssima (são as características de uma *experiência infusa*) a Presença Plena apoderou-se gratuitamente de Francisco.

A pessoa sente-se como uma praia inundada por uma maré irremediável. Fica muda, aniquilada, absolutamente embriagada, com uma consciência claríssima de sua identidade, mas, ao mesmo tempo, como se fosse filha da imensidão, transcendendo e ao mesmo tempo possuindo todo o tempo e todo o espaço, e tudo isso *em Deus*, como se experimentasse em grau infinitesimal em que consiste *ser Deus* (participação de Deus?) alguma coisa parecida, em tom menor, ao que vai ser a Vida Eterna. E tudo isso como uma gratuidade absoluta da misericórdia do Senhor, sem sabermos se é no corpo ou fora do corpo...

Um amontoado de palavras juntas poderia dar, em termos de expressividade, uma aproximação do que é uma gratuidade infusa extraordinária: claridade, clarividência, júbilo, paz, força, doçura, liberdade...

* * *

Essa *visitação de Deus* parece uma revolução na pessoa que o recebe. Francisco teve uma vivência incontestável e claríssima (que nem sonhos nem palavras poderiam dar) de que Deus (“conhecido”, experimentado) é Todo Bem, Sumo Bem, Pleno Bem, o Único que vale a pena. Em

comparação com ele, títulos nobiliárquicos e os senhores da terra não passam de fumaça.

Mas por que acho que teve de suceder uma coisa dessas naquela noite? Porque não há outra maneira de explicar o que aconteceu. Para entendermos, temos que nos colocar no contexto pessoal de Francisco.

Ele ia para a Apúlia como um cruzado para defender o Papa. Despedira-se no dia anterior de seus pais e do povo da cidade. Nessa expedição militar, Francisco estava comprometido com a juventude de Assis, com os rapazes nobres que iam com ele, com o Conde Gentile a quem obedecia, com seus pais que punham nessa expedição seus sonhos de grandeza; comprometera sua honra, sua palavra de cavaleiro, seu nome...

Um sonho apenas não ia desfazer todas essas amarras. Se Francisco decidiu voltar para casa na manhã seguinte, desprezando todos os compromissos, certamente foi porque aconteceu alguma coisa muito grave naquela noite. Em toda sua vida, Francisco demonstrou ser homem de grande tenacidade quando empreendia alguma coisa importante. Um sonho não é suficiente para nos explicar essa aventura noturna. Só uma fortíssima e libertadora experiência de Deus explica essa desinstalação formidável.

* * *

Naquela noite todas as amarras se soltaram. Francisco sentia-se livre. Já não se importava com coisa alguma. Só com o Senhor. O futuro imediato se lhe apresentava repleto de problemas e interrogações. Que explicação dar ao Conde Gentile? Que diriam seus companheiros de armas e

de festas até ontem, que daí a pouco iam seguir para o Sul? Falariam de deserção e talvez de loucura. Poderiam dizer o que quisessem. Já não se importava com nada.

Voltaria amanhã mesmo para Assis. Que diria o povo, a juventude? Que diriam o violento Bernardone e Dona Pica, os vizinhos e até os prelados? Como explicar? Não poderia dar explicações; ninguém entenderia nada. Os mais benignos diriam que tinha perdido o juízo. Os mais maliciosos falariam em deserção e em frivolidade. Para um cavaleiro, a palavra mais temível era *covardia*. Iam jogar-lhe na cara essa palavra, a ele que era tão sensível à honra. Ontem isso seria impossível de suportar, mas hoje não importa mais. Sentia-se completamente livre.

Estava deixando o caminho seguro e promissor. Estava passando para uma rota incerta, cheia de enigmas e de inseguranças, e tinha de assumir tudo solitariamente. Mas estava disposto a tudo para seguir seu Senhor, que agora “conhecia” pessoalmente.

No dia seguinte, despediu-se – não sei como – de seus companheiros de expedição e tomou o caminho de volta. Uma experiência infusa, embora dure normalmente poucos minutos, deixa a pessoa vibrando por muito tempo, e às vezes por toda a vida.

Voltando de Espoleto para Assis, Francisco devia ir mergulhado naquela Presença. Quando pôs o pé em Assis, ninguém podia acreditar. Depois começaram a estranhar e mais tarde se espalhou um boato feito de ironia, caçoada e mesmo sarcasmo. Mas Francisco, que estava sob o efeito da *visitação*, não se importou com nada e se apresentou com toda a serenidade.

A liberdade tinha amanhecido.